



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JANEIDE RODRIGUES DE MACEDO

CABOCLO: MEMÓRIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DOS GUARDADOS
CULTURAIS DESSA TERRA.

AFRÂNIO-PE
2023

JANEIDE RODRIGUES DE MACEDO

CABOCLO: MEMÓRIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DOS GUARDADOS
CULTURAIS DESSA TERRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientadora: Dra. Greyce Nascimento Falcão.

AFRÂNIO-PE
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M141c Macedo, Janeide Rodrigues de Macedo
CABOCLO: MEMÓRIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DOS GUARDADOS CULTURAIS DESSA TERRA
/ Janeide Rodrigues de Macedo Macedo. - 2023.
42 f. : il.

Orientadora: Dra. Greyce Nascimento Falcao.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2024.

1. Caboclo. 2. Cultura. 3. Memória. 4. História. I. Falcao, Dra. Greyce Nascimento, orient. II. Título

CDD 909

JANEIDE RODRIGUES DE MACEDO

CABOCLO: MEMÓRIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DOS GUARDADOS
CULTURAIS DESSA TERRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientadora: Dra. Greyce Nascimento Falcão.

APROVADO EM: 27/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Dra. Greyce Nascimento Falcão

Orientadora

Prof. Dr. Lucas Mariani Corrêa

Examinador Interno – UFRPE

Profa. Ma. Amanda Pricilla Pascoal da Silva Trindade

Examinadora Externa

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria da Paz Rodrigues de Macedo, que sempre acreditou que a educação poderia me levar mais longe. À Janete Rodrigues de Macedo, minha irmã, que sempre me incentivou a não desistir dos meus sonhos.

“As nossas raízes, cultura, memória e história são fatores fundamentais de preservação, para que não se cometa os mesmos erros do passado.”

(Cássia Guimarães)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo estudar a memória do Povoado do Caboclo, localizado no município de Afrânio-PE, a partir de levantamento bibliográfico sua importância cultural e historiográfica para a região. Assim, através desse estudo pretende-se conhecer a história que o povoado do Caboclo possui, além de compreender a construção da identidade local. Além disso, esse povoado foi reconhecido como patrimônio do sertão no ano de 2018 por sua importância para o estado do Pernambuco, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (FUNDARPE) e Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (CEC-PE). Nosso trabalho busca indícios que levem a ligação da origem do nome do povoado com os povos Indígenas e o contexto da expulsão desses povos pelo Capitão Valério Coelho, proprietário da grande fazenda de gado onde hoje está localidade. A comunidade possui questões culturais, que estão guardados na memória local, que se trata de um povoado histórico. Infelizmente há poucos trabalhos desenvolvidos sobre essa temática, ao mesmo tempo em que possui em suas entranhas certo esquecimento sobre os povos indígenas que habitaram por lá, enfatizando aspectos colonialistas que são mantidos até hoje, o Museu Pai Chico é um dos lugares que abriga essa memória e parte da formação da identidade local.

Palavras-chave: Caboclo; Cultura; Memória; História.

ABSTRACT

The aim of the work is to study the memory of Povoado do Caboclo, located in the municipality of Afrânio-PE, based on a bibliographical survey of its cultural and historiographical importance for the region. Therefore, through this study we intend to understand the history of the village of Caboclo, in addition to understanding the construction of local identity. Furthermore, this village was recognized as a backlands heritage site in 2018 due to its importance for the state of Pernambuco, by the State Historical and Artistic Heritage Foundation (FUNDARPE) and Pernambuco State Culture Council (CEC-PE). Our work seeks evidence that links the origin of the name of the village with the Indigenous peoples and the context of the expulsion of these peoples by Captain Valério Coelho, owner of the large cattle farm where the location is located today. The community has cultural issues, which are stored in local memory, as it is a historic town. Unfortunately, there is little work developed on this topic, at the same time that it has a certain forgetfulness about the indigenous peoples who lived there, emphasizing colonialist aspects that are maintained to this day, the Pai Chico Museum is one of the places that houses this memory and part of the formation of local identity.

Keywords: Caboclo; Culture; Memory; History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Imagem da representação do “caboclo bravo”, no acervo do Museu Pai Chico.

Figura 02: Fotografia dos vestígios da passagem indígena pelo Caboclo, no Museu Pai Chico.

Figura 03: Imagem do Capitão Valério Coelho Rodrigues, acervo Museu Pai Chico.

Figura 04: Imagem da Igreja de Senhor do Bonfim, construída em 1817.

Figura 05: Fotografia do mural “Caminho da nossa história: cronologia do Caboclo”.

Figura 06: Imagem da fachada do Museu Pai Chico, em Caboclo.

Figura 07: Quadro com imagem de José Francisco de Albuquerque Cavalcanti, o Pai Chico do Caboclo, acervo do Museu Pai Chico.

Figura 08: Quadro com imagem de José Francisco de Albuquerque Cavalcanti, o Pai Chico do Caboclo, acervo do Museu Pai Chico.

Figura 09: Fotografia das cruzes do Cruzeiro ou “Mirante da Serra”, no Povoado do Caboclo.

Figura 10: Fotografia de Tamarindeiro histórico, no Povoado do Caboclo.

LISTA DE ABREVIATURAS

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

CEC-PE - Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco.

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

CAPES - Catálogo de Teses e Dissertações.

FUNCULTURA - Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura.

SIC – Sistema de Incentivo à Cultura do Governo de Pernambuco.

Secult-PE - Secretaria de Cultura de Pernambuco.

CRC - Comissão de Revitalização do Caboclo.

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.PRESENÇA INDÍGENA X FAZENDAS DE GADO.....	13
2.PASSAGEM DOS NATURALISTAS SPIX E MARTIU.....	19
3.O MUSEU PAI CHICO.....	21
4.PROCESSO DE TOMBAMENTO DO POVOADO DO CABOCLO.....	28
5.MEMÓRIA E PATRIMÔNIO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho “Caboclo: Memórias que Contam a História dos Guardados Culturais dessa Terra” foi desenvolvido pela discente Janeide Rodrigues de Macedo, aluna do oitavo período do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Nascida e criada no Sítio Perpétuo, zona rural de Afrânio-PE, filha de agricultores que sempre me ensinaram o valor da educação e batalharam para que suas filhas tivessem uma vida melhor. Para a minha família o povoado do Caboclo sempre foi representatividade de festejos de fim de ano e devoção ao Senhor do Bomfim, onde tradicionalmente, minha vó paterna frequentava.

Desde então, me chamava atenção a quantidade de pessoas que cultuavam a tradição religiosa e cultural naquele povoado ano após ano. Um local que guarda e agrega tanto a história, não só de Caboclo, mas também do município de Afrânio-PE. Então, finalmente cursando Licenciatura em História, decidi que iria desenvolver meu trabalho sobre este local, e então, poder conhecer e contribuir para o conhecimento até mesmo dos próprios habitantes, uma vez que em aspectos de historiográficos, não há trabalhos desenvolvidos.

Trata-se de um estudo sobre o contexto cultural guardado em seu leito e nas memórias e esquecimentos do próprio povoado e sua importância para o Caboclo, o município de Afrânio e o estado de Pernambuco. As memórias acerca dos indígenas que habitaram o lugar são uma parte fundamental na história, cultura e na identidade da região de forma geral.

Desse modo, esse povoado possui guardados históricos e culturais que encantam, como foi o caso de Aline Galdino Bacelar (2006), aluna do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Ela descreve suas primeiras impressões sobre o povoado “ao chegar, pela primeira vez em Caboclo, encontrei um lugar cheio de histórias, belas paisagens e uma riqueza cultural enorme. Uma verdadeira viagem no tempo” (BACELAR, 2006, p.3). Bacelar (2006), desenvolveu a pesquisa “Patrimônio Cultural de Caboclo: Diretrizes para intervenções no aglomerado urbano do sertão de Pernambuco” onde apresenta

o local e seus valores urbanísticos, geográficos, bem como uma abordagem sobre o processo histórico de ocupação.

Outra importante autora é Ayalla Oliveira Silva (2021) com o trabalho intitulado “A guerra indígena como afirmação da autonomia: O caso dos pataxós e botocudos do sul da Bahia na segunda metade do século XIX”, onde a questão da família dos Lopes Moitinho e dos Gonçalves da Costa que eram os maiores interessados no controle dos indígenas que habitavam a região do sul da Bahia por possuir fazendas de gado.

Além dos autores já citados, o trabalho de Rosângela Parizotto, “MEMÓRIAS PARA EDUCAÇÃO DO MUNÍCIPE: histórias do Portão do Ocoí por entre memórias escritas e memórias vividas” trata-se de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com o intuito de documentar as memórias dos personagens que auxiliaram na formação do Distrito do Portão do Ocoí. A pesquisa trata do processo de ocupação do povoado em questão, bem como, conceitos de fundamental importância cultural, histórica e para a formação da identidade local que encontram-se na memória e no esquecimento daquele povoado.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo intitulado “Presença indígena X As fazendas de gado do Capitão Valério Coelho Rodrigues” será apresentado o contexto histórico do processo de ocupação do povoado do Caboclo, onde pretende-se contemplar a presença dos povos indígenas que habitaram inicialmente o local e posteriormente, foram expulsos pelas fazendas de gado do Capitão Valério Coelho originariamente da Casa da Torre dos Garcia d’Ávila.

No segundo capítulo, discutimos a “Passagem dos naturalistas Spix e Martius pelo Caboclo em 1819”, descrito no livro Viagem pelo Brasil – volume II, e que possibilitou que se chegasse a este, foi justamente o mural “Caminho da nossa história: cronologia do Caboclo” que é uma ação do projeto de revitalização do Caboclo. Este capítulo está destinado a apresentar fatos observados e registrados pelos naturalistas ao passarem por este local no ano de 1819, apresentado assim, suas visões sobre as questões referentes a aspectos históricos locais.

O terceiro capítulo “O museu Pai Chico” traz aspectos relacionados ao espaço de preservação da história e a questão de que o Museu Pai Chico deu vida ao lugar, passando a ter pontos de visitação, além do, restaurante, pousada e lugares criados para receber os visitantes.

No capítulo quatro, intitulado de “Processo de tombamento do povoado do caboclo” retrata o processo de tombamento do povoado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (FUNDARPE) e pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (CEC-PE). Abordando os conceitos de tombamento, bem como, o trabalho desenvolvido pela Fundarpe.

Dessa forma, o trabalho procurou contextualizar os conhecimentos referentes à importância do povoado de Caboclo para a cidade de Afrânio – PE, sob uma ótica que enxerga os aspectos culturais de grande relevância para a localidade e para o estado do Pernambuco.

Pretende-se com este trabalho estudar a memória e a história oral do Povoado do Caboclo, localizado no município de Afrânio-PE, bem como sua importância cultural e historiográfica para a região. Assim, pretende-se através desse estudo conhecer a história que o povoado do Caboclo possui em suas memórias para a construção da identidade local, além disso, buscar um levantamento bibliográfico que traga embasamento teórico sobre memória e história local em aspectos gerais.

Essa pesquisa foi desenvolvida com base em relatos de antigos moradores do povoado e de outros sujeitos, como o historiador por formação Come Cavalcanti, que possui grande apreço pela comunidade e faz parte da comissão de revitalização da comunidade, onde busca manter a cultura e a memória local viva na história, ou seja, uma luta constante contra o esquecimento. A pesquisa bibliográfica foi feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos como artigos científicos. Buscando entender a relação que o povoado possui com os povos indígenas e analisando os documentos referentes ao processo de tombamento, que se encontram publicados no diário oficial do Estado do Pernambuco.

Além disso, foram utilizadas teses e dissertações encontradas em sites como o BDTD (biblioteca digital de teses e dissertações), CAPES (catálogo de teses e dissertações) onde foi possível encontrar trabalhos desenvolvidos, inclusive, em outras áreas do conhecimento como arquitetura ou geociência, sobre o povoado, e publicações do site da Assembleia Legislativa do Estado do Pernambuco, onde foi possível encontrar um material de grande valia como o processo de tombamento do local.

Nestes sites estão estudos das mais variadas áreas do conhecimento, bem como publicações referentes ao processo de tombamento do povoado como patrimônio cultural da cidade de Afrânio-PE, contribuindo positivamente no desenvolvimento da pesquisa e levantamento de material bibliográfico referente ao tema escolhido.

Assim, poderemos analisar as relações de memória e esquecimento, buscando nos relatos, a ligação da origem do nome do povoado com os povos Indígenas que habitavam inicialmente o local.

1. PRESENÇA INDÍGENA X AS FAZENDAS DE GADO DO CAPITÃO VALÉRIO COELHO RODRIGUES

O povoado possui forte ligação com os Indígenas, como demonstra o próprio nome Caboclo, pois possui origem na existência dos "Caboclos Brabos" (como são chamados na região). Os indígenas aparecem residualmente, como vestígios do passado, uma vez que, se misturaram aos brancos. Em consequência, surgiu o tipo "caboclo", sendo assim, estes foram os primeiros povos a habitarem o povoado por volta de 1749.

O processo de colonização se deu de forma visceral por todo o Brasil, assim também aconteceu no povoado do Caboclo. Por todo o território nacional, os colonizadores possuíam o intuito de explorar, civilizar e dominar o local, sabemos também que essa questão de dominação estar ligada diretamente a questão de poder e domínio sobre os povos indígenas. Na imagem 01, temos como a população indígena é representada no museu local.

Figura 01: Imagem da representação do “caboclo bravo”, no acervo do Museu Pai Chico.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

De acordo com relatos, há indícios de que esses indígenas que habitaram a região pertencem aos Índios Cariri da região do Araripe. No entanto, não há comprovação do destino deles após a sua expulsão do povoado do Caboclo, pelos donos de fazendas de gado que aqui chegaram. Como bem é destacado por Bacelar (2006, p.17):

A região do povoado de Caboclo, bem como todo o sertão do São Francisco, era ocupada por tribos indígenas. Apesar de não ter identificado com exatidão qual a tribo que ali habitava, sabe-se que eles cercavam as lagoas formadas com água da chuva[...].

Ao que se sabe sobre a expulsão desses povos, não se tem muitos relatos de como teria acontecido, no entanto, percebe-se que há o intuito do “esquecimento” ou ao menos de um “abafamento” dessa parte da história do local, tendo em vista que prevalece na localidade uma visão forte de que a expansão da colonização foi exclusivamente benéfica ao povoado.

O termo “Caboclo” possui múltiplos significados e conotações sendo amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social, podendo ser usado também como uma designação étnica e cultural. De maneira coloquial, o termo é associado a uma estereótipo negativo, como Lima (1999) cita em seu trabalho sobre a construção histórica do termo *caboclo* na formação da sociedade amazônica “na fala coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe” (LIMA, 1999, p. 6).

Nesse contexto, Lima (1999) diz que o termo refere-se também a uma “categoria social” que se dá pela mistura racial que resultaria em filhos de um índio com um europeu branco. Assim, a autora evidencia que “a combinação de um “tipo racial” específico e uma região geográfica está relacionada à história” (LIMA, 1999.p. 6) no que tange a política de colonização “integradora” que estimulava casamentos mistos à população indígena.

Ainda é possível observar que o termo “caboclo” serve para abordar o que se designa “índios civilizados”, e que possui um teor pejorativo em sua definição. Dessa forma, Lima (1999) destaca que a utilização de termos como caboclo e índio são utilizados para rotular uma população “Caboclo e índio são termos equivalentes no sentido de que ambos são essencialmente rótulos de identificação que podem ou não ser usados para a auto-identificação” (LIMA, 1999, p.12).

Os vestígios da passagem desses povos no Povoado do Caboclo são vistos em restos de muralhas de pedra na lagoa e em alguns objetos que pertenciam aos indígenas no Museu Pai Chico. Dessa forma, vemos vestígios da trajetória histórica dos povos habitantes dessa região na memória e história local, tendo em vista que não há trabalhos ou pesquisas desenvolvidas sobre a presença de povos indígenas.

Assim, Silva, (2021, p. 2) enfatiza também sobre a questão das violências coloniais sofridas pelos povos pataxós e botocudos, no final do século XIX, ao resistirem ao processo colonial:

A despeito de todas as violências a eles dirigidas, os pataxós e botocudos, de contato intermitente com o processo colonial, chegaram ao final do século XIX resistindo fisicamente ao avanço da colonização e ao desenvolvimento de um projeto econômico em seus territórios, localizados entre os rios Colônia/Cachoeira e Pardo e as vilas Ilhéus e Vitória, comarcas de Ilhéus e Caetité, respectivamente.

Desse modo, a visão colonialista se torna predominante e com isso o protagonismo dos povos originários se torna esquecido ou minimizado, sendo apenas associado a uma rápida passagem nos relatos da comunidade, sem muita profundidade e causando um estranhamento por parte da população do povoado nos dias atuais, tendo em vista a forma como o fato de que este local foi originariamente ocupado pelos povos indígenas foi silenciado na história do local. Como pode se observar na imagem 02, pouco se tem da representatividade indígena no Museu Pai Chico.

Figura 02: Fotografia dos vestígios da passagem indígena pelo Caboclo, no Museu Pai Chico.

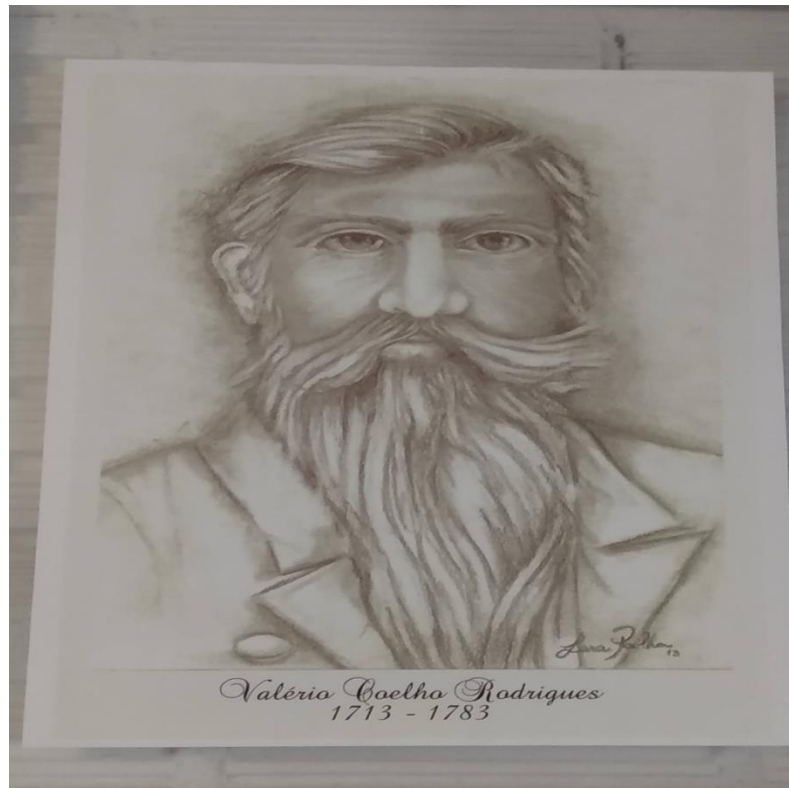


Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

Antes de ter uma comunidade, Caboclo era uma fazenda de Gado que pertencia ao capitão Valério Coelho Rodrigues. Foi um dos primeiros núcleos de povoamento da região, já que no final de século XVII e início do XVIII, fazia parte da “Travessia Velha”. Esse território despertou o interesse por pesquisadores da área da arquitetura e urbanística, como é o caso de Aline Galdino Bacelar, que desenvolveu sua monografia pela UFPE sobre o patrimônio cultural do povoado no ano de 2006.

A autora traz aspectos da presença indígena no povoado, e enfatiza a exploração de fazendeiros nesse território com o evento da colonização e seus avanços. Bacelar (2006) traz que “o processo de expulsão dos índios pelos grupos colonialistas, em especial os fazendeiros e vaqueiros, deixou marcas no povoado de Caboclo e em toda a região do vale do rio São Francisco” (BACELAR, 2006, p. 18).

Figura 03: Imagem do Capitão Valério Coelho Rodrigues, acervo Museu Pai Chico.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

Um fazendeiro em destaque deixou marcas nessa região. O Capitão Valério Coelho Rodrigues expandiu suas fazendas de gado pelas regiões e estados vizinhos. Este fazendeiro, natural de Portugal, veio para o Brasil em data não

identificada. Há relatos que Valério Coelho teria chegado no começo da década de 1730, com a missão de ocupar um território no sertão do Piauí e em Pernambuco. Assim que chegou, instalou-se no sertão no Piauí, na localidade onde hoje está a cidade de Paulistana-PI, esta era uma de suas fazendas.

Casou-se com a paulista Domiciana Vieira de Carvalho, com quem teve dezesseis filhos, que habitaram quinze de suas fazendas, entre elas Caboclo, pelo qual viajavam os tropeiros que seguiam do Piauí para a Bahia, e que atualmente é um povoado histórico do município de Afrânio (PE), no Sertão do São Francisco.

Esse mesmo fazendeiro teve influência na questão da religiosidade do povoado, ao construir a igreja de Senhor do Bonfim, em 1817, e uma capelinha para o casamento de seu filho Valério Coelho Filho, dando início a uma devoção ao Senhor do Bonfim, onde o povoado do Caboclo passou a ser cada vez mais visitado, reunindo fieis, que vinham rezar e pagar suas promessas.

Caboclo contou com a presença dos religiosos missionários Capuchinhos por meio das "Santas Missões", através da visita de missionários pela região atuando com questões religiosas, como batizados, e construções de igrejas. O povoado já se encontrava sendo habitado por famílias ricas, proprietários de terras e criadores de gado. Assim, a questão religiosa sempre marcou o Caboclo. Dessa forma, Bacelar (2006, p.44) faz alusão a essa tradição religiosa que marca o lugar como uma questão secular:

A religiosidade é uma característica marcante dos habitantes de Caboclo, desde gerações passadas, e até hoje perpetuadas. Há mais de 150 anos, Caboclo festeja o padroeiro do povoado, o Senhor do Bonfim. O novenário acontece de 23 de dezembro a 1º de janeiro e reúne familiares e antigos moradores, vindos de toda a região, especialmente de Petrolina e Afrânio.

Caboclo atualmente festeja o novenário em honra do Senhor do Bonfim há mais de 200 anos. O novenário inicia-se em 23 de dezembro e em 1 de janeiro é feito o encerramento. Nessa data, Caboclo recebe pessoas vindas de vários lugares. Durante as nove noites acontecem celebrações de missas e festas profanas. No dia 31 é comum as famílias se reunirem para passar o réveillon em Caboclo. A imagem 04, traz a fachada da igreja do Senhor do Bonfim.

Figura 04: Imagem da Igreja de Senhor do Bonfim, construída em 1817.



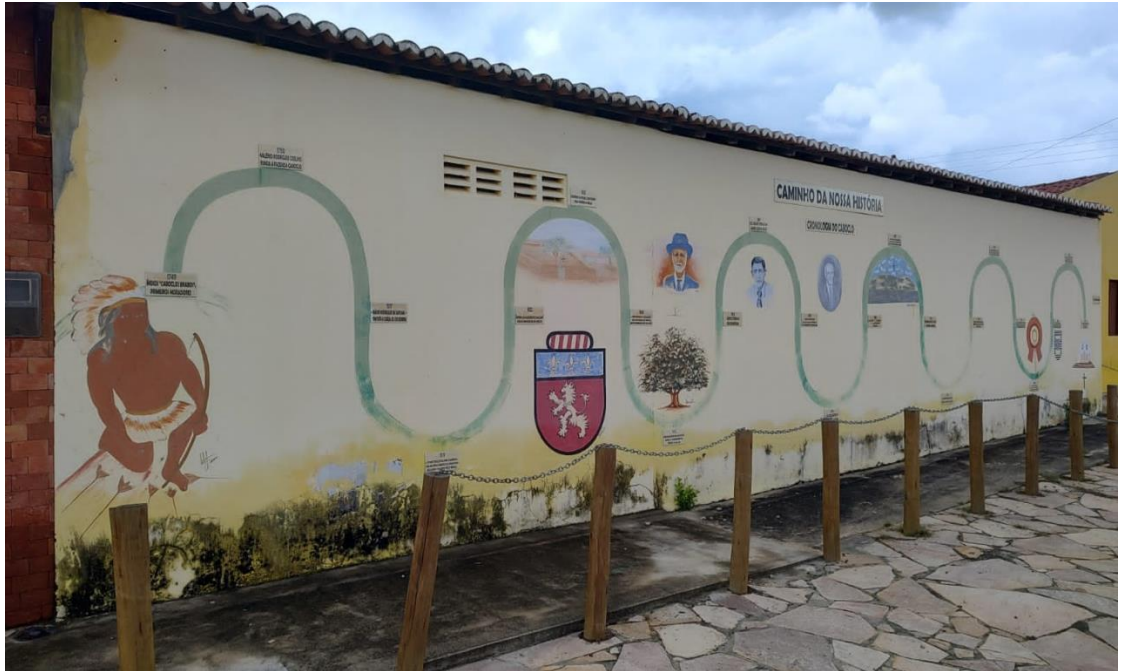
Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

2. PASSAGEM DOS NATURALISTAS SPIX E MARTIUS PELO CABOCLO EM 1819

A partir do mural que é uma ação do projeto de revitalização do Caboclo “Caminho da nossa história: cronologia do Caboclo” e que encontra-se localizado bem próximo a igreja do Senhor do Bomfim, no centro do povoado está o registro de datas importantes e a cronologia da localidade. A partir disso foi possível saber da passagem de Spix e Martius pelo povoado em 1819. A imagem 05 é uma fotografia do mural “Caminho da nossa história: cronologia do Caboclo”, na qual se tornou ponto de visitação no povoado e vem trazendo datas e fatos importantes que marcaram a história local.

Esta passagem está registrada no livro *Viagem pelo Brasil - volume 2*, onde eles descrevem a viagem, características do país, os costumes e a paisagem local. Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Martius embarcaram na expedição pelo Brasil, percorrendo mais de 10 mil km, e passando por vários estados dentre eles Pernambuco, Piauí e Bahia, dando origem a uma série de estudos sobre os biomas e as espécies de plantas brasileiras.

Figura 05: Fotografia do mural “Caminho da nossa história: cronologia do Caboclo”.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

Nesse contexto, no capítulo *Estada em Juazeiro, e viagem daí, por uma parte da província de Pernambuco, em direção a Oeiras, capital do Piauí*, os naturalistas descrevem a região do São Francisco, e os arredores de Juazeiro-BA, trazendo aspectos da questão da pecuária no sertão de Pernambuco com observações da região de “*Cabóculo*” como é citada a estadia pelo povoado histórico do município de Afrânio. Além disso, falou-se das províncias de Piauí, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Para nosso trabalho, nos deteremos em analisar aspectos relevantes trazidos sobre o povoado do Caboclo. Spix e Martius iniciam seu relato sobre a estadia no local. Trazendo inicialmente aspectos da região de Juazeiro na Bahia, que pertencia a Travessia Nova e que se comunicava também com a Travessia Velha através do trânsito na estrada que cortava o Rio São Francisco, separando as capitanias de

Bahia e Pernambuco. Aos poucos eles vão descrevendo a região em seu período de seca.

No tocante ao povoado em estudo Spix e Martius refere-se como “*Cabóculo*” e cita que ao aproximar-se da região foi possível avistar a serra Dois Irmãos, algo que também está em relatos de Bacelar (2006) “Caboclo está localizado no extremo oeste do estado de Pernambuco, contornado pela Serra dos Dois Irmãos e a Serra do Caboclo[...]” (BACELAR, 2006, p. 13).

O povoado está localizado atualmente no município de Afrânio, fazendo divisa ao norte com o estado do Piauí, ao sul com o estado da Bahia, a leste com Petrolina e Dormentes e a oeste com o estado do Piauí, por esta localização os naturalistas por lá passaram na viagem ao Piauí.

Assim, sobre a localização e sua importância histórica Bacelar (2006, p. 13) enfatiza que:

Por localizar-se, estrategicamente, próximo aos estados do Piauí e Ceará, e ao mesmo tempo, no caminho para o sul da região nordeste – a Bahia, Caboclo tem uma grande importância histórica, pois foi um dos primeiros núcleos de povoamento da região, já que no final de século XVII e início do XVIII, fazia parte da “Travessia Velha” - os tropeiros que vinham das províncias do Piauí e Ceará, em demanda à Passagem do Juazeiro e Bahia.

Além disso, os naturalistas fazem relatos acerca das lagoas históricas que encontram-se localizadas na região. Assim, Spix e Martius (2017, p. 324) apresenta:

Avistamos, elevando-se além e ao longe, uma continuação dessa serra, ao oeste de Cabóculo, também essa tem os mesmos característicos. Na lagoa desta última fazenda teriam achado grandes ossadas de animais antediluvianos e o fazendeiro assegurou que uma cabeça com as duas grandes defesas saía fora da terra; mas devido à altura das águas, não nos foi possível proceder aí as investigações.

Este relato também se fez essencial para enfatizar a importância histórica do povoado, reforçando para que se desenvolvesse o projeto que se tornou o pontapé do processo de tombamento como patrimônio cultural.

3. O MUSEU PAI CHICO

O Museu Pai Chico foi inaugurado em 02 de fevereiro de 2003, através de recursos do FUNCULTURA, (fundo do Governo do Estado que financia projetos na área da cultura). Foi construído pela Comissão de revitalização, através de recursos do SIC – Sistema de Incentivo à Cultura do Governo de Pernambuco, quando Jarbas Vasconcelos era o governador. O museu se encontra localizado na entrada do povoado, às margens da PE – 635, que liga a cidade de Afrânio – PE a Dormentes - PE.

Figura 06: Imagem da fachada do Museu Pai Chico, em Caboclo.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

O Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA) possui gestão compartilhada entre a Secretaria de Cultura de Pernambuco (Secult-PE), Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e instituições culturais da sociedade civil. Seus financiamentos estão voltados principalmente para o desenvolvimento cultural, social e econômico de Pernambuco.

O órgão foi implantado em 2002, a partir da iniciativa do governo do estado com a sociedade no geral, representada pela classe artística. O Povoado de

Caboclo possui uma Comissão de Revitalização do Caboclo (CRC), na qual o historiador e filho da região Cosme Cavalcante *“in memória”* fazia parte e orgulhava-se disso, buscando através da preservação da história do povoado o reconhecimento e manutenção do mesmo.

O historiador ressaltava que estavam sendo feitas outras ações como a revitalização e manutenção do mural “Caminhos da Nossa História”, do memorial do Caboclo (construído em cima das ruínas do primeiro cemitério do povoado), dos tamarindeiros bicentenários e a tradicional trilha do Mirante da Serra, entre outros em desenvolvimento.

O Museu de Caboclo vai completar em fevereiro de 2024, vinte e um anos de existência. A arquitetura do lugar foi inspirada na questão dos tropeiros que por lá passavam, por isso tem a forma de uma ferradura usada nas patas dos cavalos, mulas e demais animais. Além disso, a construção foi feita de pedras, lembrando muralhas, tijolos de barro, lembrando as olarias da comunidade, elementos presente nas casas de farinha e antigos engenhos locais.

Assim, o Museu deu uma nova vida ao lugar, passando a ter pontos de visitação, além de restaurantes, pousada e outros lugares criados para receber os visitantes. Seu nome foi dado em homenagem a uma importante figura local, José Francisco de Albuquerque Cavalcanti, o Pai Chico do Caboclo.

Vale ainda ressaltar que o Pai Chico foi o quinto prefeito de Petrolina (PE), professor e capitão da Guarda Nacional no Império. Homem de fé que ajudou a construir diversas igrejas pelo sertão do São Francisco. Em entrevista ao “Nossa Rua”, canal da UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Cosme Cavalcanti, relatou que Pai Chico era muito caridoso e por isso a expressão “Pai”, onde segundo ele, Pai Chico era também chamado de “pai dos pobres”.

Nessa entrevista, Cosme Cavalcanti *“in memória”* descreve quem foi o Pai Chico do Caboclo, e o importante papel desenvolvido por José Francisco de Albuquerque Cavalcanti para o povoado que residia, bem como para a região do São Francisco. Dessa forma, explica as homenagens prestadas a ele, como o uso de seu nome no museu e em uma rua em Petrolina-PE, onde foi prefeito.

Figura 07: Quadro com imagem de José Francisco de Albuquerque Cavalcanti, o Pai Chico do Caboclo, acervo do Museu Pai Chico.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

É possível encontrar também, aspectos voltados à religiosidade presentes no museu local, características que representa de maneira forte o povoado do Caboclo. Assim, as antigas portas centrais e laterais da Igreja de Senhor do Bonfim estão no "Espaço Dom Malan", além disso, encontram-se também os oratórios das antigas casas do território como acervo do museu, mostrando que a religiosidade da população de Caboclo também representa o local em quesito cultural, conforme podemos observar na imagem abaixo.

Figura 08: Fotografia de antigas portas da igreja do Senhor do Bonfim e ao fundo oratórios, que fazem parte do acervo do Espaço Dom Malan, no Museu Pai Chico, em Caboclo.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

Além da representação da religiosidade, o museu tem uma riquíssima representatividade da identidade local, com guardados históricos acerca do povoado e da região. Aspectos relativos a nomes que deixaram um legado para o local e que se faz marcante na memória e na história dos habitantes do povoado, e por sua importância para o desenvolvimento da região, encontra-se representado no Museu Pai Chico.

Dessa forma, também estão representados costumes, tradições e modos de vida de um povo sertanejo e forte. Vale salientar que o Museu Pai Chico desempenha um importante papel perante a sociedade, ao trazer por exemplo, instrumentos de trabalho e do cotidiano das famílias que aqui viveram e deixaram sua descendência. Só deixando a desejar quanto a representatividade indígena que marcou o povoado antes mesmo da chegada das fazendas de gado. Percebe-se aqui, que há uma visão colonialista por parte dos idealizadores do Museu.

No museu está representado aspectos de famílias tradicionais do povoado e da região do município de Afrânio-PE. Além do importante nome José Francisco de Albuquerque Cavalcanti “Pai Chico” e também do já citado, Capitão Valério Coelho Rodrigues onde está exposto objetos pessoais, como bule de louça, bengala, livros, fotografias, selos, broches diploma, espada, entre outros objetos do patriarca de uma grande família e dono de várias fazendas de gado na região.

Outras importantes famílias são representadas pelo museu, no entanto, não se vê a ênfase necessária à questão dos indígenas que aqui estavam antes mesmo da chegada das fazendas de gado do Capitão Valério e das demais famílias que lá estão representadas.

Caboclo também possui uma pousada chamada de “Pousada Caboclo”. A mesma inicialmente foi construída como casa dos romeiros, mas logo, passou por mudanças e virou uma pousada, já que o lugar recebe um grande número de visitantes durante o período de final de ano com os festejos do Senhor do Bonfim e com shows durante o natal e ano novo.

Além desse período em especial, Caboclo recebe também um número significativo de turistas ao longo do ano. Isso porque o povoado possui pontos importantes e abertos a visitação como é o caso do Museu Pai Chico, a Igreja do Senhor do Bonfim e o Mirante da Serra que fazem parte do local e nos levam a compreender melhor sobre o por quê do local ser tombado como patrimônio do Estado.

O Mirante da Serra fica localizado na frente do povoado, é um local onde inicialmente as pessoas se deslocavam para fazer penitencia, pagar promessas, agradecer por bênçãos alcançadas e fazer seus pedidos. Se trata de uma elevação de terra conhecida como Mirante ou Cruzeiro, pois no topo da serra está uma igreja pequena e uma cruz bem grande que pode ser vista de longe, além disso, Bacelar 2006, destaca o local como símbolo da religiosidade local “o cruzeiro é um símbolo da religiosidade dos moradores de Caboclo, que subiam a Serra para pagar promessas” (BACELAR, 2006, p.70).

Essa cruz de madeira deixada pelos missionários Freis Capuchinhos, como Bacelar (2006, p. 24) destaca:

A paisagem natural é composta pela vegetação da caatinga, as lagoas magnesianas, a Serra de Dois Irmãos ao fundo e a Serra do Caboclo em frente ao povoado. Da Serra do Caboclo, onde está colocado o cruzeiro dos Freis Capuchinhos, tem-se uma vista geral do conjunto magnífica, alcançando até as maiores lagoas mais afastadas do conjunto urbano.

Figura 09: Fotografia das cruzes do Cruzeiro ou “Mirante da Serra”, no Povoado do Caboclo.



Fonte: foto retirada em 11 de setembro de 2020, arquivo pessoal.

Essa cruz de madeira deixada pelos Freis encontra-se deteriorada pelo tempo, porém, a Comissão de Revitalização do Caboclo (CRC) em uma de suas ações, realizou a instalação de uma nova cruz no local, agora de ferro e em tamanho maior que a anterior e atualmente permanecem as duas cruzes no alto do mirante.

Caboclo também conta pés de Tamarindos históricos com mais de cem anos, que enriquecem o cenário do povoado. Debaxo destas árvores tem bancos de madeira para os moradores sentarem e conversarem. De acordo com Bacelar 2006, o primeiro tamarindeiro foi plantado por um descendente de Capitão Valério, “contam os mais antigos moradores, que foi Miquelina, bisneta do Capitão Valério Coelho Rodrigues, quem plantou um dos tamarindos seculares que ainda existem no largo do povoado” (BACELAR, 2006, p.43).

Os tamarindeiros além de servir como local de diálogo dos moradores, também faz parte do calendário de festas do povoado. Ao todo aconteceram 15 edições da Festa do Tamarindo em Caboclo, porém infelizmente, a última edição ocorreu no ano de 2019. Esta festa foi idealizada a partir de um projeto, onde aconteciam contação de histórias, oficinas de gastronomia, apresentações culturais, encontro de sanfoneiros e shows debaixo dos tamarindeiros do Caboclo, além da fabricação e comercialização de doces e licor de tamarindo também fora do período da festa.

Figura 10: Fotografia de Tamarindeiro histórico, no Povoado do Caboclo.



Fonte: foto retirada em 05 de novembro de 2022, arquivo pessoal.

Esse local histórico fez parte da chamada “Travessia Velha”, onde os tropeiros passavam de províncias como do Ceará e Piauí para Bahia, apresentando-se como um local de importância pela sua “centralidade”. Porém, com a construção da linha férrea que ligava os estados do Piauí à Bahia, Caboclo acabou por ficar às margens, pois, a construção não passou pelo Povoado e sim, pela então Fazenda Inveja que também pertencia ao Capitão Valério, diga-se de passagem, atual cidade de Afrânio-PE, de onde o Caboclo faz parte. Isso fez com que o Caboclo não tivesse tamanho desenvolvimento a partir de então. Porém, não impedindo que sua maestria pudesse ser reconhecida.

Todo o contexto acima citado, trouxe maior ênfase e visibilidade ao povoado, mostrando sua importância ao estado do Pernambuco e possibilitando que o local pudesse receber um número significativo de visitantes, bem como, incentivos por parte do estado pela sua contribuição cultural.

4. PROCESSO DE TOMBAMENTO DO POVOADO DO CABOCLO

O povoado do Caboclo, Afrânio-PE, foi reconhecido como patrimônio do sertão no ano de 2018 por sua importância cultural para o estado do Pernambuco, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (FUNDARPE) e Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (CEC-PE) no livro de Tombo: LIVRO Nº II – EDIFÍCIOS E MONUMENTOS ISOLADOS.

Durante a realização de seu trabalho acadêmico em 2006, Aline Bacelar já enfatizava a questão do tombamento do Povoado do Caboclo pelos seus valores autênticos urbanísticos, arquitetônicos e culturais, como é destacado por ela em seu trabalho.

Assim, Bacelar (2006, p.89) enfatiza:

O tombamento, seja em nível municipal, estadual ou federal, é cabível devido aos inúmeros valores autênticos de Caboclo. Esta zona de proteção deve incluir não só o patrimônio arquitetônico e urbanístico, mas também o entorno com significação cultural, que compõe a paisagem do sítio. Isto inclui a Serra do Caboclo, o núcleo urbano e as lagoas magnesianas.

A palavra tomo tem o significado de registrar, e esse termo começou a ser utilizado no Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375. Onde, originalmente estava instalado em torres da muralha, em Lisboa. Com o tempo, este local passou a ser chamado de “Torre do Tombo”, pois eram guardados naquele local, os livros do tomo.

O tombamento de um patrimônio pela sua importância cultural é um instrumento de reconhecimento e proteção, realizado pelo poder público por meio da aplicação de legislação específica, impedindo que venha a ser destruído ou descaracterizado de seu valor histórico, cultural, arquitetônico ou ambiental

preservando os bens culturais na medida em que impede legalmente a sua destruição ou modificação.

Nesse aspecto, a palavra patrimônio nos leva a questão de “herança”. No caso do patrimônio cultural esta herança se torna de interesse de vários indivíduos, ou seja, se torna de interesse coletivo, sendo importante e representativo tanto para a história como para a identidade da coletividade. Desse modo, a Fundarpe destaca que “o patrimônio cultural revela os múltiplos aspectos da cultura de uma comunidade” (FUNDARPE, 2011, p. 8).

Ainda sobre o tombamento, a Fundarpe (2011 p. 10) destaca:

É um ato administrativo, cuja competência no Brasil é atribuída pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Pode ocorrer em nível federal, feito pelo Iphan, ou ainda em esfera estadual ou municipal, com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O nome tombamento advém do verbo tomar, isto é, registrar, inventariar, arrolar, visando proteger e conservar os bens culturais.

Para que haja a preservação de determinado patrimônio cultural é necessário que seja realizado um processo para registro e reconhecimento desse bem como patrimônio cultural. O registro reconhece esse bem e resulta na atribuição do título, com produção de divulgação de conhecimentos sobre este patrimônio cultural em um contexto de expressão cultural. Para a abertura do processo de tombamento se torna necessário que uma pessoa física ou jurídica no exercício de sua cidadania solicite a abertura desse processo.

No entanto, existe uma diferença entre registro e tombamento, para a Fundarpe (2011, p.12) destaca essa diferença:

O tombamento aplica-se ao patrimônio material tangível, ou seja, objeto a que se busca preservar sua matéria, forma e características. O registro considera manifestações puramente simbólicas, não se presta a imobilizar ou impedir modificações nessa forma de patrimônio. Seu propósito é inventariar e registrar as características dos bens intangíveis, de modo a manter viva e acessível às tradições e suas referências culturais.

Vale ressaltar que a responsável pela gestão do projeto de tombamento do povoado de Caboclo foi a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE o órgão criado em 17 de julho de 1973 visando além do

incentivo à cultura a preservação dos monumentos históricos e artísticos do Estado. A instituição faz parte da Administração Indireta do Estado de Pernambuco, vinculada à Secretaria de Cultura, promovendo a realização de estudos e análises técnicas que atestem as informações históricas sobre cada bem cultural.

Levando em consideração a legislação vigente do estado do Pernambuco, que indica que aconteça junto ao Estado e a Fundarpe o processo para o tombamento do patrimônio cultural, se torna necessário que sejam seguidas algumas etapas fundamentais. Inicialmente, o requerente, que pode ser pessoa física ou jurídica, deve encaminhar a solicitação de abertura do processo ao Secretário de Educação do Estado. Após a análise da solicitação, o Secretário realiza a abertura do processo junto a Fundarpe.

Por conseguinte, a Fundarpe realiza a publicação do edital junto ao Diário Oficial de Pernambuco, notificando o proprietário da realização de exames técnicos para a emissão do parecer conclusivo, onde a partir desse parecer, o Secretário de Educação encaminha para a análise do Conselho Estadual de Cultura para que seja baixada a resolução do processo, e chegue até a homologação pelo Governador do Estado e possa ser decretado o tombamento por publicação no Diário Oficial do Estado.

Posteriormente, a Secretaria de Educação encaminha para o Conselho Estadual de Cultura para registro em livro de tomo e comunica aos órgãos competentes, no caso, ao IPHAN, ao Prefeito do Município e ao Cartório de Registro Geral de Imóveis, oficializando o tombamento do bem e sua preservação. Com a conclusão do processo, o mesmo é encaminhado pela Secretaria de Educação para a Fundarpe realizar o arquivamento processual e monitoramento do bem.

O processo de tombamento do povoado do Caboclo teve início em 2009, sendo publicado o deferimento da proposta (Processo SECE nº 0410259-3/2009), no Diário Oficial do Estado de Pernambuco, em 27 de janeiro de 2012, onde a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - FUNDARPE, por intermédio do então Secretário de Educação, Dr. Danilo Jorge de Barros Cabral do Estado de Pernambuco, tornou público a abertura do processo.

Em 18 de junho de 2018, o Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural publicou a Resolução nº 001, declarando o tombamento do Sítio Histórico do Caboclo, sendo assim, homologado pelo DECRETO Nº 46.279, DE 19 DE JULHO DE 2018.

Vale salientar, algo importante que Bacelar 2006, trazia a luz, ao mencionar a necessidade de haver no Povoado uma educação voltada a questão patrimonial a partir de tombamento do local, “portanto, conjuntamente com o tombamento, deve haver a preocupação com a educação patrimonial da comunidade de Caboclo” (BACELAR, 2006, p. 92). Onde a autora deixa claro, sua preocupação com a multiplicidade de informações referentes a própria comunidade em relação a sua importância e ao que o tombamento traria ao Povoado.

5. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Uma das nossas fontes é o trabalho da historiadora Rosângela Parizotto, “MEMÓRIAS PARA EDUCAÇÃO DO MUNÍCIPE: histórias do Portão do Ocoí por entre memórias escritas e memórias vividas” que documentou as memórias das personagens que auxiliaram na formação do Distrito do Portão do Ocoí, como cita Parizotto (2017). Assim, a autora traz elementos significativos na história da formação do município, revivendo através de relatos as experiências e escritos de memórias e conflitos.

Dessa forma, o trabalho dialoga diretamente com a nossa pesquisa sobre o povoado do Caboclo, pois nos traz aspectos que se fazem de grande importância. O povoado do Caboclo, município de Afrânio-PE, é uma localidade histórica, de origem indígena (apesar de pouco conhecida), e reconhecida como patrimônio do sertão, por sua importância cultural para o estado do Pernambuco. Por isso, é importante trabalhar as memórias das personagens que contribuíram para formação da identidade cultural, social e histórica do povoado em questão.

Outro texto importante é o trabalho de Aline Galdino Bacelar, “Patrimônio Cultural de Caboclo: Diretrizes para intervenções no aglomerado urbano do sertão de Pernambuco”, este trabalho foi desenvolvido em 2006 como monografia

(Graduação em Arquitetura e Urbanismo) no Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

Nesse trabalho, Bacelar (2006), apresenta em linhas gerais o povoado do Caboclo, trazendo sua relevância histórica, com enfoque no paisagismo e urbanismo. Dialoga com a temática do nosso trabalho por abordar pontos referentes ao contexto histórico do povoado, ao apresentar a questão da presença de povos indígenas no início da habitação local além disso, traz a questão das Santas Missões “comumente, os vilarejos do interior, recebiam a visita esporádica de missionários religiosos, eram as chamadas “Santas Missões”. Em 1917, foi colocado um cruzeiro na Serra do Caboclo, pelos missionários Frei Gabriel e Frei Agostinho” (BACELAR, 2006, p.70) e esse cruzeiro se tornou símbolo da religiosidade dos moradores do povoado.

Ainda segundo a autora, nesse período os fazendeiros colonialistas já habitavam a região e também ocorria o processo de expulsão dos indígenas “o processo de expulsão dos índios pelos grupos colonialistas, em especial os fazendeiros e vaqueiros, deixou marcas no povoado de Caboclo e em toda a região do vale do rio São Francisco” (BACELAR, 2006, p.18).

Assim como Bacelar (2006), fala da presença dos Garcia d'Ávila e suas fazendas de gado e a expulsão dos povos nativos “os povos nativos foram sendo expulsos, para dar lugar às extensas fazendas de gado, grande parte delas, pertencentes à Casa da Torre dos Garcia d'Ávila” (BACELAR, 2006, p.21).

O texto de Ayalla Oliveira Silva (2021) intitulado “A guerra indígena como afirmação da autonomia: O caso dos pataxós e botocudos do sul da Bahia na segunda metade do século XIX”, traz que a família dos Lopes Moitinho e dos Gonçalves da Costa eram os maiores interessados no controle dos indígenas que habitavam a região do sul da Bahia por possuir fazendas de gado assim, Silva (2021) cita “[...] abriu estradas e picadas que pudessem promover o trânsito de mercadorias, sobretudo o gado das fazendas implementadas por ele nas terras indígenas” (SILVA, 2021, p.5).

Silva (2021) também apresenta a ocorrência de conflitos nessa região por ocasião de diversos ataques que os indígenas fizeram aos proprietários de

fazendas. Sendo estes intimidados pela sobreposição dos Garcia d'Ávila pela sua ocupação abusiva, nesse caso representado por Capitão Valério Coelho Rodrigues o dono fazenda Caboclo, como nos apresenta Bacelar (2006) “ocorreu então à sobreposição de contextos culturais – o dos grupos colonialistas, vaqueiros e missionários, sobre o das populações indígenas” (BACELAR, 2006, p.21).

Outro ponto relevante a se trazer ao debate de ambos os textos de Silva (2021) e Bacelar (2006) é justamente a forma como os povos originários eram categorizados, segundo Silva (2021) “os grupos indígenas categorizados como “selvagens”, “bravios”, “de índole má”, entre outros adjetivos a eles atribuídos, eram, em sua maioria, formados por botocudos e pataxós” (SILVA, 2021, p.9), Bacelar (2006) nos traz que os indígenas eram denominados de “caboclos brabos”, dando origem inclusive, ao nome do povoado. Percebe-se que essa denominação dada pelos colonizadores portugueses era pejorativa e intencional.

Não obstante, o capítulo II do livro *Viagem pelo Brasil- volume 2*, de Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Martius, onde descrevem no capítulo intitulado *Estada em Juazeiro, e viagem daí, por uma parte da província de Pernambuco, em direção a Oeiras, capital do Piauí*, é retratado a visão dos naturalistas nessa passagem pela Travessia Nova de Juazeiro de quem vinha das capitânicas de Bahia para o Piauí, passando pelo Pernambuco, especificamente em nosso caso, pelo povoado do Caboclo em Afrânio-PE.

Nesse sentido, eles se referem ao local como “*Cabóculo*” descrevendo também suas redondezas, as fazendas de gado que existiam de modo predominante na região desde esse período. O Caboclo possui importância histórica por fazer parte dos primeiros núcleos de povoamento da região, fazendo parte da “Travessia Velha”, onde fazia parte da passagem de quem vinha das províncias de Ceará e Piauí para Bahia.

Assim, Bacelar (2006, p. 17) destaca que:

A ocupação do território sertanejo, que foi efetuada, sobretudo, por meio dos rios transformados em caminhos de água, dava início à história da conquista de territórios através do povoamento com as fazendas de gado, e dominação dos indígenas [...].

Nesse sentido, percebe-se que se torna predominante a questão dos colonizadores portugueses implantarem suas fazendas de gado nos territórios onde a população indígena se encontrava, tendo como um fator de destaque a questão da presença dos rios, influenciando tanto para a presença indígena quanto a implementação de fazendas de gado, consecutivamente, a dominação dos indígenas pelos colonizadores, fazendeiros e vaqueiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo acerca do Povoado do Caboclo localizado no município de Afrânio, fazendo divisa com os estados do Piauí, Bahia, e com as cidades pernambucanas de Petrolina-PE e Dormentes-PE, é possível perceber uma gama de fatores na qual, fez com que o local fosse reconhecido como Patrimônio Cultural do Estado, apresentando diversos aspectos a se levar em consideração. Assim, percebe-se que em sua história ainda há muito que ser estudado e apresentado a sociedade em geral.

É possível analisar que os indígenas fazem parte dessa história inclusive, é perceptível desde o nome do povoado que foi dado pela existência dos "Caboclos Brabos" (como é chamado na região), porém, durante o processo historiográfico do próprio povoado, foram sofrendo as invisibilidades trazidas pelos colonizadores, no caso do povoado, a ênfase se dá ao fazendeiro Capitão Valério Coelho Rodrigues, obviamente não podemos aqui dizer que o Capitão Valério não contribuiu para o desenvolvimento local. Este que é colocado como um importante colonizador da região do Pernambuco e Piauí.

Porém, dessa forma os indígenas aparecem residualmente na história do povoado, como vestígios do passado, uma vez que, se misturaram aos brancos, em consequência, surgiu o tipo "caboclo", assim, se tornando desconhecida a existência desses povos como primeiros habitantes na localidade por alguns atuais habitantes da região. Muito se fala das proezas efetuadas, da importância para o desenvolvimento da região que o Capitão Valério Coelho Rodrigues trouxe e representou a comunidade, porém, não se busca conhecer o contexto que era vivido na comunidade antes da chegada desse colonizador português ao Caboclo.

Com estudos, pode se ver que o povoado possui existência de longas datas. Aqui percebe-se que durante a viagem dos naturalistas Spix e Martius feita ao Brasil, descrita no livro Viagem pelo Brasil - volume 2, onde eles trazem sobre a viagem tanto a feição do país como os costumes e a paisagem local trazendo aspectos que comprovam sua passagem pelo povoado em 1819, ao descreverem sobre a visão da Serra Dois Irmãos, no estado do Piauí. Dessa forma, Spix e Martius trazem em seus relatos da seguinte forma “Avistamos, elevando-se além e ao longe, uma continuação dessa serra, ao oeste de Cabóculo, também essa tem os mesmos característicos” (SPIX , MARTUIS, 2017, p.324).

Esse Povoado possui também, importância histórica por fazer parte dos primeiros núcleos de povoamento da região, fazendo parte da “Travessia Velha”, onde fazia parte da passagem de quem vinha das províncias de Ceará e Piauí para Bahia, onde o Caboclo se apresentava como uma região “central” por fazer parte desses primeiro núcleos. No entanto, isso não se manteve devido a construção da linha férrea que desviou-se de Caboclo em sua construção, passando pela então fazenda Inveja, atual cidade de Afrânio-PE, o que acabou trazendo maior desenvolvimento para lá e de certa forma, o Povoado do Caboclo acabou se tornando o que é atualmente.

Diz-se, que a linha férrea que ligava o estado do Piauí a Bahia deveria ter passado pelo Caboclo por ser uma região central na “Travessia Velha”, o que traria maior desenvolvimento ao local. No entanto, por questões técnicas a construção se deu por onde hoje desenvolveu-se o município afraniense , no qual o Povoado faz parte.

Para além da importância e relevância dessa passagem, o Povoado está repleto de tradições culturais mantidas a muito tempo, bem como a presença do Museu Pai Chico criado em 2003, com incentivos do FUNCULTURA - Fundo Pernambucano de Incentivo á Cultura e mantido por membros da CRC - Comissão de Revitalização do Caboclo, que guarda memórias de importantes famílias pertencentes ao Povoado, porém, de forma muito resumida a presença indígena na localidade antes que os colonizadores portugueses por lá chegassem. Assim, os indígenas são apresentados pelo Museu de forma residual com uma visão

colonizadora, sem que seja apresentado de qualquer forma o protagonismo desses povos pela região.

O local apresenta uma tradição religiosa forte e marcante que se matem viva a séculos, com peregrinação de romeiros, realização de promessas e pessoas que frequentam a igreja do Senhor do Bonfim ano a ano pela tradição passada de pai para filho. Além da visitação ao Mirante da Serra ou Cruzeiro, que também fazem parte do ciclo religioso e turístico do Caboclo, pois, o Povoado recebe turistas durante o novenário, o tradicional réveillon e ao longo do ano buscando conhecer sobre a história que está guardada e mantida por lá.

Todo o contexto cultural fez com que o Povoado apresentasse sua importância ao Estado, assim, o Caboclo foi tombado como patrimônio do sertão no ano de 2018, por sua importância cultural para o estado do Pernambuco, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (FUNDARPE) e Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (CEC-PE). Nesse sentido, percebe-se o quanto que se torna fundamental para o Povoado essa questão do tombamento, pois, o patrimônio está atrelado a questão da “herança”, no caso de patrimônio cultural essa herança se torna de interesse coletivo, e que possui importância para a história e para a identidade coletiva e local.

Assim, a partir do da patrimonialização do Povoado, este passa a ter um fomento ao desenvolvimento e valorização, revitalização e proteção da cultura local, onde a FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado foi a responsável pela gestão do projeto de tombamento do povoado de Caboclo, onde este patrimônio passa a ser protegido de possíveis interferências relevantes em diversos aspectos da cultura da comunidade.

Por fim, se torna compreensível que o Povoado do Caboclo tenha se tornado reconhecido como patrimônio do estado de Pernambuco, pois, se torna visível o quão importante ele se apresenta por todo o contexto exposto e suas questões que ainda são relevantes a estudos futuros.

Percebemos que a presença da população indígena ainda é vista de forma residual e que a visão de ideais colonizadores predomina em espaços públicos e de representatividade da memória do local. Este local encontra-se tombado, o que

implica a sua preservação, como a FUNDARPE desta sobre o bem tombado, “o tombamento aplica-se ao patrimônio material tangível, ou seja, objeto a que se busca preservar sua matéria, forma e características” (FUNDARPE, 2011, p.12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, Aline Galdino. **Patrimônio Cultural de Caboclo**: Diretrizes para intervenções no aglomerado urbano do sertão de Pernambuco. 2006. 100 páginas. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

FUNCULTURA. Breve histórico. CULTURA. PE- O Portal da Cultura Pernambucana, Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/funcultura/sobre/breve-historico/>. Acesso em: 26 out. 2023.

FUNDARPE. CULTURA. PE - O Portal da Cultura Pernambucana, Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/fundarpe/>. Acesso em: 09 out. 2023.

LIMA, Deborah de Magalhães. A Construção Histórica do Termo Caboclo: Sobre Estruturas e Representações Sociais no Meio Rural Amazônico. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

Mostra no Museu Pai Chico lembra 300 anos de Valério Coelho. G1 Petrolina, 29 de nov. 2013. Maria Lima. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2013/11/mostra-no-museu-pai-chico-lembra-300-anos-de-valerio-coelho.html#:~:text=Uma%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20em%20homenagem%20aos,31%20de%20janeiro%20de%202014>. Acesso em: 25 out. 2023.

PARIZOTTO, Rosângela. **MEMÓRIAS PARA EDUCAÇÃO DO MUNÍCIPE**: histórias do Portão do Ocoí por entre memórias escritas e memórias vividas. Dr. José Carlos dos Santos. 2017. 148 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Área Concentração em Sociedade, Estado e Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2017.

Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais/ Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - Recife: Fundarpe, 2011. 112 p.:Il.

PERNAMBUCO. Assembleia Legislativa do Estado do Pernambuco. DECRETO Nº 46.279, DE 19 DE JULHO DE 2018. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=38595>. Acesso em: 27 abr. 2023.

RTV Caatinga Univasf. Nossa Rua José Francisco de Albuquerque Cavalcanti. You Tube, 07 de set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=HhmxKRae7Wg>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SILVA, Ayalla Oliveira. A guerra indígena como afirmação da autonomia: o caso dos pataxós e botocudos do sul da Bahia na segunda metade do século XIX. Acervo, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 1-24, maio/ago. 2021 História indígena, agência e diálogos interdisciplinares.

Spix, F., Johann Baptist von, 1781-1826. Viagem pelo Brasil (1817-1820) / Spix e Martius. ; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v. : il. 428 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 244-B).